

Producing meanings: time and speed in organizations

This paper discusses the meanings that people at different hierarchical levels give to speed and acceleration in their daily work. As a contribution to the methodological discussion in qualitative research, the paper presents the method used on the field research and the result analysis. First, it discusses a few aspects of the history of time and the incorporation of the clock's linear time in the workplace. Then, as its main focus, the paper discusses the theoretical-methodological approach adopted in the investigation. It presents the findings in relation to speed — it is ambiguous, liberating, and imprisoning at the same time — and a few concluding remarks and suggestions for future research.

1. Introdução

A organização do tempo no trabalho tem uma longa história que culminou, no início do século XX (Thompson, 1991; Jacques, 1998; Hassard, 2000a, 2000b, 2000c) com o controle quase absoluto do tempo e dos movimentos nas atividades de trabalho, controle esse que se expressou mais claramente no trabalho clássico de Taylor (1987). Quase um século depois, verifica-se uma outra grande mudança na organização do trabalho (Harvey, 1993), que provoca profundas alterações na concepção do tempo e do espaço no mundo produtivo. O objetivo deste artigo é apresentar uma pesquisa que buscou, através do referencial teórico-metodológico construcionista, os sentidos que as pessoas atribuem à mudança na percepção do tempo e ao aumento da velocidade no trabalho, nesse novo ambiente organizacional. O artigo foi estruturado da seguinte forma: na primeira parte, discute-se uma breve história da construção social do tempo linear no trabalho, de modo a explicitar o contexto do tema, a aceleração no trabalho. Na segunda parte, são apresentados os procedimentos usados na pesquisa de campo, bem como, uma análise dos resultados. Concorde-se com Spink (1999), no sentido de que é fundamental para garantir o rigor na ciência, explicitar o máximo possível os procedimentos e os passos utilizados na investigação e interpretação dos dados. Na terceira parte, são mostradas as associações obtidas e os sentidos da velocidade. No caso, a velocidade aparece associada ao uso do computador e com um sentido ambíguo, visto que, na organização do trabalho, ela tanto facilita quanto aprisiona. Na última parte são discutidos os resultados e apresentadas algumas sugestões para futuros estudos.

2. A construção social do tempo no trabalho

O tempo assume diferentes sentidos para as pessoas, nas diferentes culturas e nos diversos momentos da história. Hoje, o tempo tem sido descrito como um

tempo de velocidade e de aceleração (Jameson, 1997, 1998; Lash & Urry, 1994; Adam, 1996; Virilio, 1996). O tempo, para usar uma expressão de Kurz (1999), é uma “estrela da mídia”, e os debates que o cercam alcançam diferentes dimensões: trabalho, cidade, cultura, lazer, vida pessoal. O tempo é escasso, o tempo foge, o tempo é curto, tempo é dinheiro, o tempo passa rápido. Medido atualmente em nanossegundos, o tempo parece voar e, quanto mais o controlamos, mais ele nos escapa. Se o “tempo é hoje uma função da velocidade”, como apresenta Jameson (1998:51) e se o tempo é algo que resulta da própria construção social, qual o trajeto percorrido para se chegar até aqui? Que condições foram necessárias para permitir que a sociedade atual tenha como característica central o intenso fluxo de informações, imagens e trabalho, em conjunto com uma rápida circulação de objetos e sujeitos (Lash & Urry, 1994)? Como as pessoas percebem o fluxo do tempo no trabalho?

O tempo linear — o tempo do relógio

A Antiguidade já conhecia instrumentos para a medição do tempo. Além dos chamados “relógios de água” do período helenístico, conforme apontado por Whitrow (1993), a descoberta arqueológica de um mecanismo em bronze que permitia o cálculo do calendário — conhecido pelo nome de “relógio de Anticitera” — revela a existência de engrenagens mecânicas precursoras dos relógios mecânicos. Mesmo assim, ainda que não fique clara a relação entre esses primeiros engenhos e o relógio mecânico que apareceu por volta do século XIII, Whitrow (1993) sugere que teria ocorrido um processo contínuo de desenvolvimento dos primeiros mecanismos até se chegar às engrenagens mecânicas posteriores. As ampulhetas surgiram no século XIV, a partir da hipótese, bem provável, de que os relógios de água seriam inconvenientes durante o inverno. Foram muito usadas para medir a velocidade de embarcações. Para Whitrow, provavelmente, os relógios foram inventados nos mosteiros pela necessidade de se disciplinar o tempo das orações. As engrenagens mecânicas construídas para o balançar dos sinos devem também ter contribuído, segundo o autor, para as engrenagens dos relógios.

Não há uma data precisa que marque a invenção do relógio mecânico, mas se considera como provável o período entre 1280 e 1300. Os primeiros relógios na Inglaterra datam desse período e, a partir dessa época, se espalharam por toda a Europa, instalados não só nas igrejas, mas também em torres públicas. O controle do tempo começa a se difundir das igrejas para a vida pública. Nesse período, a influência do controle do tempo também já se faz sentir no trabalho. Já “em 1335, por exemplo, o governante de Artois autorizou os habitantes de Aire-sur-la-Lys a construir um campanário cujo sino marcaria as horas de trabalho dos operários têxteis” (Whitrow, 1993:126).

Essas condições, iniciadas no século XVII, prepararam o terreno necessário para os novos hábitos de trabalho, já dentro de uma certa uniformidade e ritmo que vão caracterizar a Idade Moderna: os relógios passam a marcar todas as horas do dia e não somente as horas das orações e o tempo — da vida, da natureza —, unindo-se ao ritmo do trabalho da semana.

O mecanismo do relógio

Para além da regulação do tempo no trabalho, os mecanismos do relógio tiveram importância no desenvolvimento dos princípios fundamentais da mecânica aplicada, como, por exemplo, no que se refere ao uso de rodas com engrenagens. Segundo Losano (1992), associada à espiral, a mola possibilitou a miniaturização do relógio e sua aplicação na produção de autômatos, permitindo que eles se movimentassem por si sós. E o pêndulo — que esteve no centro dos interesses de pesquisa de Galileu, a partir do qual Christian Huygens desenvolveu um relógio mecânico de precisão — é outro exemplo de engrenagem que foi vital para o desenvolvimento das máquinas da industrialização. Nas palavras de Whitrow (1993:145), “o relógio mecânico foi, portanto, o instrumento prototípico não só da concepção mecânica do universo como da idéia moderna de tempo”.

No século XVI, o tempo assumiu um significado negativo, maléfico, passando a ser associado com a morte, como sugerem as imagens de ampulhetas que acompanham as imagens da morte. Os hábitos começam a mudar, mas a idéia de encontros com hora marcada ainda demoraria a se difundir, já que a posse de relógios individuais era rara. O controle do tempo, baseado na relação com a natureza, continuou em paralelo à disseminação do uso e do controle do tempo pelo relógio. Mas já no século XVI, é possível encontrar relatos do tempo disciplinado do trabalho, de operações de mineração rigidamente controladas, inclusive, nas mudanças de turnos, bem como, horário determinado para o exercício de algumas profissões, entre elas a de professor e a de juiz, conforme revela Whitrow (1993).

A partir do século XVIII, com o contínuo aperfeiçoamento dos relógios mecânicos, o tempo nas sociedades ocidentais passou a ser cada vez mais regulado pelo tempo do relógio. No século XIX, o conceito de “perder tempo” já faz parte do cotidiano e várias dimensões da organização social cotidiana estão articuladas ao controle do tempo — tais como a regulação do horário dos transportes, dos correios, do trabalho — exigindo cada vez mais a sincronização das atividades e, portanto, um quadro de referência temporal único (Elias, 1998). O desenvolvimento das cidades e, ao mesmo tempo, das estradas, permitiu uma articulação do tempo e da velocidade, cada vez mais crescente (Studený, 1995).

Entretanto, no século XIX ainda não havia uma homogeneização do tempo e um calendário único para todos os povos. A Inglaterra, por exemplo, por motivos políticos, demorou para aceitar as mudanças introduzidas pelo papa Gregório III. Pouco a pouco, o calendário gregoriano passou a regular o tempo no mundo, ainda que muitas culturas mantenham em paralelo suas tradições, como expressam o calendário chinês e o calendário judaico, só para citar dois exemplos de contagens de tempo que se mantêm em paralelo ao calendário oficial mundial.

E, ainda que muitas culturas possam, atualmente, manter relações distintas com o tempo, o tempo linear — passível de controle e medição — passou a ser uma das características mais importantes da regulação das relações no capitalismo industrial (Thompson, 1991; Lash & Urry, 1994).

As sociedades industriais e o tempo do trabalho

No decorrer do século XIX, o tempo linear do relógio passou a disciplinar as relações de trabalho e a organizar cada vez mais o tempo das cidades (Thompson, 1991; Hassard, 2000a, 2000b, 2000c). O estudo de Taylor (1987), com sua proposição do uso racional do tempo, é a representação, por excelência, da regulação das atividades humanas no trabalho dentro dessa concepção linear. Ao final do século XIX, a organização do trabalho já havia incorporado o espírito do mecanismo do relógio e do controle do tempo, com base na crença de que as tecnologias podem criar e operar sob leis imutáveis, e o trabalho — tanto na Europa como nos EUA — passou a ser administrado cientificamente. O foco na produtividade alcançou grande desenvolvimento com a incorporação das ciências do trabalho (Rabinbach, 1990; Hirschhorn, 1981), incluindo as psicotécnicas da chamada psicologia industrial, e com os engenheiros assumindo um novo papel na administração das indústrias. O tempo do trabalho industrial passa a regular também as outras relações humanas e estendeu seu domínio a outras dimensões da vida. O tempo do trabalho regula o tempo fora do trabalho — da vida pessoal, das relações familiares, do lazer, das religiões — e define a movimentação das pessoas e das mercadorias nas cidades, regulando seu fluxo.

A regulação, entretanto, também gerou resistências e muitos estudos já exploraram as estratégias dos trabalhadores para fugir e burlar este tempo (Hassard, 2000a; Dejours, 1987; Martins, 1999), mostrando a criatividade das pessoas através de múltiplas invenções possíveis para a vivência do tempo/espço no cotidiano do trabalho.

Contudo, com o aparecimento das novas tecnologias informacionais, já ao final do século XX, a organização do trabalho começa a mudar novamente, com a possibilidade da eliminação (para alguns, pelo menos) do tra-

balho físico, substituído por imagens, comunicação e sistemas cibernéticos de auto-regulação (Rabinbach, 1990:297). Nos dias atuais, esse processo parece gerar uma nova mudança na concepção do tempo e do espaço no cotidiano do trabalho, levando a novos modelos de comportamento e à exigência de novas habilidades a serem exercidas no trabalho, o que inclui a flexibilidade, uma vez que, agora, o tempo passa a ser descrito como um tempo de simultaneidade e instantaneidade (Harvey, 1993; Santos, 1996). Sendo assim, quais os sentidos que as pessoas atribuem a esse tempo flexível?

3. A abordagem teórico-metodológica

A produção de sentido, segundo Mary Jane Spink (1999:183), “é essencialmente uma prática social, intrinsecamente dialógica e, portanto, discursiva”.

Os sentidos — sobre si, sobre o mundo, sobre as coisas — são construídos nos processos de interação e nas conversas entre as pessoas e, portanto, a conversação configura-se enquanto prática e não só como discurso ou representação. Se o discurso é entendido como prática discursiva, a possibilidade de transformação do mundo está em perceber como os sentidos do mundo são construídos pelas pessoas, e, dessa forma, “manter a conversação fluindo. Ou seja, é a prática constante de expressões críticas que substituem, relativizam, interagem e inerentemente são críticas umas das outras. Tudo aquilo que cristaliza e rigidifica as estruturas sociais acaba por naturalizá-las. Naturalizando-as, retira a possibilidade de crítica. Anestesiando a crítica, abrimos caminho à barbárie, entendida aqui como o exercício livre do poder impositivo que reduz a diversidade à vontade de quem detém a hegemonia (do conhecimento, dos modos de produção, da autoridade, enfim)” (Spink, 1999:184).

De acordo com Ibáñez (1993, 1994), as concepções que as pessoas podem ter sobre os fenômenos que constituem a realidade social decorrem da condição que essas pessoas possuem de poder nomeá-los a partir da linguagem. Nesse sentido, não existem “verdades” mas práticas discursivas que permitem sucessivos diálogos e a reconstrução contínua do mundo.

Além disso, conforme argumentam Spink e Medrado (1999), os repertórios interpretativos demarcam as possibilidades de interpretação de uma pessoa num dado contexto, ou seja, a nossa capacidade de interpretar o mundo, assim como de agir sobre ele a partir do sentido que damos ao mundo em que vivemos. Em suma, “no cotidiano, o sentido decorre do uso que fazemos dos repertórios interpretativos de que dispomos” (Spink & Medrado, 1999:47).

Assim, existem três dimensões que os autores apontam como básicas para o entendimento da produção de sentidos: a linguagem, a história e as pessoas. Entende-se a linguagem como prática discursiva essencialmente dinâmica: “Podemos definir, assim, práticas discursivas como linguagem em

ação, isto é, as maneiras a partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas” (Spink & Medrado, 1999:47). As práticas discursivas têm uma localização espaço-temporal. Isso significa dizer que as palavras e os sentidos que estão sendo produzidos pelas pessoas estão marcados pela história. Os autores que propiciam a base teórica deste artigo argumentam sobre “a necessidade de trabalhar o contexto discursivo na interface de três tempos históricos: o ‘tempo longo’, que marca os conteúdos culturais, definidos ao longo da história da civilização; o ‘tempo vivido’, das linguagens sociais aprendidas pelos processos de socialização, e o ‘tempo curto’, marcado pelos processos dialógicos” (Thompson, 1999; Spink & Medrado, 1999).

O tempo curto remete ao momento da interação, à conversação mesmo, ao processo de dialogia que se estabelece na interação face a face entre as pessoas; o tempo vivido refere-se ao processo de socialização, ao tempo de vida, em que cada um pode construir sua aprendizagem pessoal; já o tempo longo leva-nos ao conjunto de conhecimentos acumulados nas mais diversas esferas da produção humana e que é, a cada momento, “ressignificado” nos processos de interação face a face do tempo curto. Por sua vez, o conceito de pessoa traz implícita a noção de interação e, igualmente, nos remete ao cotidiano, ao tempo vivido e ao tempo longo da história.

A primeira parte deste artigo, portanto, procurou mostrar, ainda que brevemente, aspectos do “tempo longo”, ou seja, da construção da noção do tempo linear ocidental ao longo da história. Quanto ao tempo curto, marcado pelos processos dialógicos, está presente nas entrevistas desta pesquisa, e será apresentado na terceira parte deste trabalho.

Entretanto, a abordagem de Mary Jane Spink (1999), ao discutir “a prática discursiva na produção do conhecimento no cotidiano” ultrapassa a proposta desenvolvida neste trabalho, que se limitou, aqui, a apresentar os repertórios produzidos pelas pessoas e não discutiu propriamente a dialogia, já que não foi feita uma análise de uso desses repertórios. Para ser coerente com a abordagem adotada, cabe esclarecer os limites dos passos dados na construção desta análise, uma vez que, é a visibilidade do processo interpretativo que conduz à construção da ciência. Em outras palavras, a objetividade pretendida pela ciência está necessariamente perpassada pela dialogia e pela intersubjetividade presente no ato de interpretar, e por isso é fundamental dar visibilidade ao processo interpretativo.

Para a coleta de dados foram utilizados três procedimentos: a aplicação de um questionário — para começar uma aproximação com o tema —, o uso de entrevistas e o acompanhamento do dia de trabalho de quatro executivos. Neste artigo, são apresentados os resultados obtidos com as entrevistas, bem como todos os passos e os recursos utilizados na entrevista e na análise dos resultados.

Em busca dos sentidos

Os entrevistados

Foram realizadas 18 entrevistas com pessoas escolhidas intencionalmente. Os entrevistados autorizaram o uso do material coletado. O quadro 1 apresenta uma síntese com os dados dos entrevistados, incluindo a razão da escolha do entrevistado.

Nº	Idade	Sexo	Atividade	Razão da escolha
1	38	M	Engenheiro/gerente de marketing	Idade/função gerencial
2	56	M	Diretor de fundação	Função de direção
3	58	F	Copeira	Função
4	36	F	Secretária	Idade/função
5	39	F	Secretária	Idade/função
6	52	F	Secretária	Idade/função
7	27	F	Administradora/superintendente de fundação	Idade/função de direção, "acelerada"
8	19	M	Estagiário/estudante de administração	Idade, ligado à presidência de empresa
9	36	M	Engenheiro/analista financeiro	Idade/função gerencial
10	28	F	Farmacêutica/presidente de empresa	Idade, função de direção, "global"
11	32	F	Economista/autônoma	Idade/ocupação, "acelerada"
12	34	M	Administrador/analista	Idade/ocupação com tecnologia
13	38	M	Engenheiro/gerente de informática	Função gerencial/ocupação com tecnologia
14	43	M	Administrador/analista de informática	Idade/ocupação com tecnologia
15	38	M	Analista de sistemas	Ocupação com tecnologia
16	34	F	Secretária	Idade/função
17	38	M	Engenheiro/diretor-presidente	Função de direção, "acelerado"
18	35	F	Copeira	Função

A análise das entrevistas

Para interpretação de todas as entrevistas, foram utilizados os mapas de associações de idéias, tal como proposto por Spink e Lima (1999:107), já que “os mapas têm o objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção lingüística, dos repertórios utilizados nessa construção e da dialogia implícita na produção de sentidos. Constituem instrumentos de visualização que têm duplo objetivo: dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo”.

A utilização dos mapas tinha por objetivo entender os sentidos que apareciam associados às máquinas e à velocidade/aceleração, bem como os repertórios utilizados pelas pessoas para falar sobre as tecnologias presentes no cotidiano do trabalho. Para isso, foi fundamental a utilização do recurso da “entrevista associativa”, tal como descrito por Spink e Lima (1999:111). No mapa, a análise das entrevistas foi dividida em dois blocos. O primeiro continha a descrição das máquinas utilizadas no cotidiano de trabalho, e o segundo, as associações com a palavra velocidade e aceleração no trabalho. Portanto, o nosso mapa de análise contém as seguintes colunas: idade, sexo do entrevistado, profissão e citações referentes a ela, às máquinas citadas, às máquinas que impõem o ritmo, comentários, definições de velocidade, vantagem/pontos positivos e desvantagens/pontos negativos em relação à velocidade e à aceleração no trabalho. No contexto deste trabalho, são apresentados apenas os resultados obtidos com as associações e as interpretações sobre a velocidade no trabalho. A coluna “comentários”, situada no meio dos dois grandes blocos, servia tanto aos comentários relativos às máquinas quanto aos comentários relativos à velocidade. O quadro 2 traz um pequeno recorte de um dos mapas, para facilitar a visualização do modelo de análise.

Após a confecção dos mapas (um mapa para cada entrevista), foi realizada uma síntese das entrevistas que incluiu:

- † contexto da entrevista;
- † uma síntese das máquinas citadas;
- † uma síntese sobre a máquina que impõe o ritmo e as associações relacionadas;
- † uma síntese sobre a aceleração/velocidade.

Esses passos permitiram a construção dos resultados da pesquisa, que serão apresentados a seguir.

Quadro 2					
Recorte de um mapa associativo de uma das entrevistas da amostra (entrevistado: 38 anos, sexo masculino, analista de sistema)					
Citadas	Máquinas	Comentários	Velocidade/aceleração		
	Que impõem o ritmo		Definições	Positivo	Negativo
	<p><i>Qual máquina você acha que impõe o ritmo do seu cotidiano?</i></p> <p>São várias. Tem a parte da tecnologia que a gente está sentindo que sem ela não sobrevive.</p> <p>Mas a gente percebe que outras coisas estão acontecendo: comunicação celular, várias outras máquinas que estão vindo por aí, trazendo várias tecnologias diferentes.</p> <p><i>Você está falando do telefone celular?</i></p> <p>Do telefone celular mesmo; que foi uma mudança começada pelo <i>bip</i>.</p>	<p>O meu dia-a-dia é focado na tecnologia; quer dizer, além de utilizá-la, sou cobrado por sua utilização e pelo bom uso da tecnologia dentro da empresa.</p>			

4. Os sentidos da velocidade

Aqui, são apresentadas as associações que surgiram para a palavra “velocidade” e que mostram os repertórios produzidos pelos entrevistados. Os resultados foram agrupados do seguinte modo: velocidade associada à máquina, velocidade associada à eficiência e velocidade associada à correria. A síntese desses sentidos está apresentada no quadro 3.

Quadro 3
Associações com velocidade

Nº	Velocidade/aceleração	Facilitadora e instrumental	Limitadora e aprisionadora
1	Confusão; eficiência	Raciocínio; oportunidades	Multitarefa; mais tempo para o trabalho; enxugamento do quadro de funcionários; perda de contato entre as pessoas
2	Computador	Velocidade; mobilidade	Lentidão; ansiedade
3	Pressa; vida corrida	Progresso	Correria
4	Trabalhar em várias coisas ao mesmo tempo; correr		
5	Fazer as coisas o mais rápido possível, com a melhor qualidade	Raciocínio	Ansiedade; medo; insegurança
6	Imagino logo o computador	Exige mais de mim; organização	Menor tolerância com o erro
7	Computador	Produtividade; expande limites da produção	A "massa" sofre; "mata" algumas funções; aumento do tempo de trabalho para algumas funções
8	Eficiência	Flexibilidade; rapidez na troca de grande quantidade de informações; acesso a informações	Confusão; dificuldade para selecionar informações
9	Resposta rápida; responder a uma demanda	Oportunidades de trabalho, de negócios	Preocupação em não ficar para trás, em estar sempre atualizado
10	Organização geral, papéis; organizar arquivos tanto do computador como dos papéis	Fax, e-mail e internet permitem resolver problemas a distância	Acúmulo de funções; dividir-se em mil; ansiedade diante da quantidade de informações
11	"Overtrabalho"	Criatividade; poder trabalhar em casa	Falta de lazer; poder trabalhar em casa
12	Tecnologia e computador possante	Estar atualizado	Aumentar a velocidade cada vez mais
13	Gap	A máquina é quem faz as repetições; o trabalho ficou menos taylorista; uso do pensamento; criatividade; flexibilidade	Mudança fora de controle, ninguém sabe se para melhor ou pior; vida mais complicada
14	Computador agiliza processos	Processamento de grande quantidade de dados	Competitividade muito forte

Nº	Velocidade/aceleração	Facilitadora e instrumental	Limitadora e aprisionadora
15	Tecnologia e qualidade	Qualidade	Uso frio da tecnologia (sem qualidade) pode causar danos
16	Fazer o que tem que ser feito, bem-feito, no menor tempo possível		Competição
17	Agilidade em tomar decisões, enxergar oportunidades, estar na frente dos competidores	Adaptação; instabilidade, no sentido de mudança constante; flexibilidade	Estresse; pouco tempo com a família; gerenciar a massa de informações; equilibrar vida pessoal e profissional
18	É uma correria que não tem parada, não pode parar		Não tem tempo para almoçar, máquinas que inventam acabam não facilitando nada, buraco na camada de ozônio

As associações com a velocidade e a aceleração

Associação entre velocidade e máquina

Para cinco pessoas, a velocidade está diretamente associada ao computador, ou seja, há uma relação direta entre o potencial da máquina e a aceleração.

Associação entre velocidade e eficiência

Para 12 pessoas, a velocidade aparece diretamente ligada à eficiência no trabalho. Mas a eficiência no trabalho não significa o mesmo para todos. Se, para o diretor-presidente de uma empresa, velocidade é agilidade para tomar decisões, enxergar oportunidades e estar à frente dos competidores, para pessoas que ocupam funções de nível intermediário na empresa, a eficiência está associada com fazer as coisas mais rápido possível com a melhor qualidade ou ainda resposta rápida a uma demanda, agilizar processos, fazer o que tem que ter ser feito, no menor tempo possível.

Associação entre velocidade e correria

Essa associação é feita pelas duas copeiras, “é a pressa, a vida corrida”, “é uma correria que não tem parada, não pode parar”, ou seja, a correria aqui está associada à vida como um todo e não só ao trabalho.

Se comparamos as associações para os diferentes níveis hierárquicos, veremos que para o diretor-presidente, a velocidade aparece como algo interno, próprio à tomada de decisões; para os níveis intermediários, a velocidade já está fora, nos processos, enquanto para as copeiras a velocidade está absolutamente exteriorizada, na vida cotidiana que as obriga a correr, sem parar.

A velocidade ambígua

No contexto discursivo das entrevistas, o sentido da velocidade foi associado, sobretudo, ao computador, estando atrelado, portanto, à máquina e à tecnologia. O tempo é o tempo da máquina. Mas a velocidade é ambígua já que ela pode ser, ao mesmo tempo, facilitadora e instrumental; limitadora e aprisionadora.

A velocidade facilitadora/instrumental, que decorre da incorporação das máquinas, sequer aparece para as copeiras, uma vez que ela está associada, principalmente, ao uso do computador, mas aparece para os executivos (diretores e níveis intermediários). Enquanto facilitadora, a velocidade foi associada: à eficiência, à condensação de informações, ao acesso a informações, à agilização de processos, à possibilidade de se processar grande quantidade de informação, a respostas rápidas, a mil oportunidades, a empregos e novos negócios, ao progresso e à mobilidade, rapidez e qualidade, com um trabalho mais exigente (pensamento, criatividade e flexibilidade).

A velocidade aprisionadora/limitadora foi associada: a uma limitação das pessoas para acompanhar a quantidade de informações das máquinas, à sensação de que as pessoas ficam perdidas, à dificuldade de seleção das informações, a um grande esforço para não ficar para trás e não ficar parado no tempo, à percepção de que o computador é um paradoxo — ele traz também a lentidão, a “lerdeza”, já que é necessário mais tempo para preparar detalhes, à flexibilidade que permite mais trabalho — “retrabalho”, multitarefas, leva à pressão para enxugamentos de pessoal, a mais trabalho em casa, ao entendimento de que ninguém sabe se muda para melhor ou pior (risco sempre presente), à idéia de que as mudanças estão fora de controle, a uma grande ansiedade com a própria lentidão — lentidão da própria máquina (nos habituamos à velocidade e não temos mais paciência com a demora...), lentidão das questões propriamente humanas (por exemplo, ficar resfriado, dois, três dias e não poder trocar de nariz!) —, à perda de contatos pessoais, à idéia de que a vida fica limitada apenas ao trabalho.

A ambigüidade está tão presente, que na construção dos mapas, nem sempre foi possível recortar ou desmembrar as falas que se referem à velocidade limitadora das que se referem à velocidade aprisionadora. Apresenta-se, a seguir, o trecho de uma entrevista, que é uma das mais expressivas sobre a am-

bigüidade. É interessante notar que o entrevistado (56 anos, sexo masculino, diretor de fundação) viveu um período de transição e observa a mudança na percepção do tempo em diferentes fases da vida e em diferentes contextos, ou seja, tanto no exercício do trabalho como na interação entre as pessoas.

Pesquisador — Se eu falo a palavra velocidade no trabalho, o que lhe vem à cabeça?

Entrevistado — Computador. Ele é quem me dá a velocidade e também a lerdeza.

P — Por quê?

E — Antigamente, escrevia à mão e dava para a datilógrafa fazer. Hoje você escreve, aí, perde três horas para dar aquele jeitinho, formata, com letra colorida, o parágrafo bem dividido, a edição; tudo você fica perdendo tempo.

P — Hoje se fala em velocidade, aceleração. O que é isso, como você experimenta isso?

E — Terrível, a velocidade. Vou te dar um exemplo, dos mais simples possíveis. Meu primeiro vôo foi aos 26 anos. A primeira vez que viajei de avião na minha vida. Hoje, eu viajo pelo menos duas vezes por mês. O que mudou em termos de mobilidade é impressionante. Antigamente, para você se informar sobre pesquisa, você escrevia; hoje, você não precisa, conversa com as pessoas por telefone, fax ou e-mail, quase que no ato. Foi uma mudança muito grande. Minha geração ainda se maravilha com isso.

P — Então...

E — Eu acho que as crianças não têm noção do que era antes, do que era lerdo. Mesmo a gente, hoje, fica irritado porque o computador demora... vou trocar de computador. Foi muito violenta a mudança. Não sei se é bom ou ruim, ganhou em velocidade.

P — Para você, é bom ou ruim?

E — É bom. Não sei dizer se tudo é bom. O balanço é positivo. Agora, isso talvez torne a gente um pouco mais ambicioso com coisas que levam mais tempo para serem resolvidas: relações pessoais, relações de saúde. Você quer uma reposição imediata: estou resfriado, me troca o nariz, pronto, resolve. Talvez isso crie algumas coisas...

P — Ansiedades?

E — Que não são possíveis de serem tratadas nesse mesmo tempo... Já faz um dia que estou de cama.

5. Considerações finais

Os sentidos do espaço e do tempo parecem ter sido profundamente alterados no mundo contemporâneo, a partir da introdução de tecnologias que permitiram a reorganização do trabalho. Entre as características que descrevem essas mudanças destacam-se algumas a seguir.

- † A conectividade resultante do computador e da internet agilizou o tempo de resposta nos processos de trabalho.
- † O computador possibilita que um grande número de tarefas e de informações esteja concentrado numa única máquina, eliminando funções e a quantidade de pessoas envolvidas com as tarefas. Se, por um lado, essas novas condições promovem a melhoria das condições físicas do trabalho, por outro, elas geram novas desigualdades e uma nova divisão do trabalho.
- † As mudanças na concepção e na vivência do tempo levam à constituição de dois grupos: no primeiro estão aqueles que acessam, dominam e dispõem das novas tecnologias; no segundo, aqueles que ficam alijados desse novo modelo. Dessa forma, se poderia falar de um modelo que é vivido por executivos, velozes, ultra-rápidos e participantes de um tempo não-linear do mundo global, e de outro, constituído por pessoas como a faxineira e a copeira dessa amostra, lentas, presas ao controle do tempo linear do relógio de ponto. Conforme aponta Bauman (1998), hoje o mundo do trabalho se divide entre os “globais” e os “locais”: os globais, presos no tempo; os locais, presos no espaço. São prisões diferentes, mas esses ritmos indicam que hoje convivemos no mundo do trabalho com pelo menos dois tempos diversos: o tempo linear do relógio e o tempo mundial e simultâneo das redes e dos computadores.
- † É possível argumentar que a nova organização do trabalho depende desse tempo descontínuo, da mesma forma que o modelo taylorista-fordista dependeu do tempo linear. Mas, como mostram os entrevistados, essa mudança na concepção do tempo não se dá sem conflitos.
- † Ao buscar os sentidos que a velocidade assume para as pessoas no cotidiano de trabalho, verificou-se que ela está associada ao uso do computador e plena de ambigüidades. Ela é facilitadora, porque permite eficiência, informações e mobilidade no uso instrumental que lhe damos no trabalho. Ela é aprisionadora, uma vez que as pessoas têm dificuldades em lidar com a quantidade de informações que ela permite, já que há um grande esforço para não ficar para trás. O computador que proporciona a velocidade leva também à lentidão, à “lerdeza”, já que é necessário ainda mais tempo para a preparação das tarefas.

Neste artigo, também se buscou deixar claro os procedimentos de coleta e análise dos dados, considerando que a visibilidade e o rigor na análise de entrevistas é fundamental para que o campo dos estudos organizacionais possa se desenvolver como ciência. Os métodos qualitativos podem e devem ser utilizados criteriosamente.

Por fim, vale registrar algumas perguntas para pesquisas futuras. Ficamos mais impacientes com a demora? Como os diferentes níveis hierárquicos percebem o uso do tempo no trabalho? Será que as pessoas terão o tempo do computador “corporificado” tal como ocorreu com tempo do relógio? O computador, tal como o relógio, miniaturiza-se e é possível assinalar o paralelo que existe entre os antigos *mainframes*, computadores de grande dimensão com os grandes relógios presos às catedrais. Hoje, o relógio de pulso deixou de ser uma novidade; todos têm um, e o computador miniaturiza-se nos *palmtops*. Ainda que seja hoje considerado “natural”, o tempo linear do relógio levou quase 300 anos para incorporar-se na sociedade ocidental. O que poderá acontecer com a organização do trabalho com a incorporação do tempo múltiplo do computador?

Referências bibliográficas

- ADAM, Barbara. Re-vision: the centrality of time for an ecological social science perspective. In: LASH, Scott; BRONISLAW, Szerszynski; WYNNE, Brian. *Risk, environment and modernity: toward a new ecology*. London: Sage Publications, 1996.
- BAUMAN, Zigmunt. *Globalization: the human consequences*. Cambridge: Polity Press, 1998.
- BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho*. São Paulo: Ed. Cortez/Oboré, 1987.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- GERGEN, Kenneth J. Toward a postmodern psychology. In: KVALE, Steinar (Ed.). *Psychology and postmodernism*. London: Sage Publications, 1992.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.
- HASSARD, John. *Commodification, construction and compression: modern, symbolic and postmodern perspectives on organizational time*. 2000a. (Paper) — Academy of Management, Toronto.
- . *Images of time in organization studies*. 2000b. (Paper) — Academy of Management, Toronto.

HASSARD, John. Imagens do tempo e do trabalho nas organizações. In: CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (Org). *Handbook de estudos organizacionais*. São Paulo: Ed. Atlas, 2000c. v. 2.

HIRSCHHORN, L. *Beyond mechanization*. Cambridge: MIT Press, 1981.

IBÁÑEZ, Tomás. Construcionismo y psicología. *Revista Interamericana de Psicología*, v. 28, n. 1, p. 105-123, 1993.

———. Constructing a representation or representing a construction. *Theory & Psychology*, Sage, v. 4, n. 3, p. 363-81, 1994.

JACQUES, Elliot. *The form of the time*. Rockville: Cason Hall & Co, 1998.

JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

———. *The cultural turn: selected writings on the postmodern 1983-1988*. London, Verso, 1998.

KURZ, Robert. A expropriação do tempo. *Folha de São Paulo*, S. Paulo, 3 jan. 1999. Caderno Mais!, p. 3-5.

LASH, Scott; URRY, John. *Economies of signs and space*. London: Sage Publications, 1994.

LOSANO, Mario Giuseppe. *Histórias de autômatos: da Grécia antiga à Belle-Époque*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MARTINS, Mônica Mastrantonio. *Tempo e trabalho: um estudo psicossocial com trabalhadores que têm horário fixo e flexível em uma empresa industrial de médio porte*. 1999. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) — PUC, São Paulo.

MEDRADO, Benedito. Textos em cena: a mídia como prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 243-271.

RABINBACH, Anson. *The human motor: energy, fatigue, and the origins of modernity*. Berkeley: University of California Press, 1990.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.

———; FREZZA, Rose Mary. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 17-39.

SPINK, Mary Jane; LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: a explicação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 93-122.

———; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999. p. 41-61.

STUDENY, Christophe. *L'invention de la vitesse*. Paris: Editora Gallimard, 1995.

TAYLOR, Frederic. *Administração científica*. 3. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

THOMPSON, Edward. Time, work-discipline and industrial capitalism. In: *Customs in common*. London: Merlin Press, 1991.

THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WHITROW, G. J. *O tempo na história: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.